

O Bibliófilo

George Gissing

FOI há vinte anos e numa noite de Maio. O sol estivera esplendoroso. Devido, sem dúvida, ao episódio que vou narrar, a luz e o calor desse dia distante vivem ainda hoje na minha memória. Sou capaz de recordar as nuvens brancas que corriam na nesga de céu que eu avistava da minha janela, e de sentir novamente o torpor primaveril que perturbou o meu devaneio solitário pelas ruas de Londres.

Só depois do anoitecer é que eu saí de casa. No ar sentia-se uma doçura rara. A extensa perspectiva dos novos lampiões projectava um clarão dourado debaixo do rubor amortecido da atmosfera. Sem nenhuma outra ideia senão passear e tomar fresco, vagueei durante uma hora e achei-me por fim no ponto onde a Great Portland Street desemboca na Marylebone Road. Do outro lado da rua, à sombra da igreja da Trindade, ficava um antigo livreiro, muito meu conhecido; o bico de gás que brilhava no balcão, iluminando os alfarrábios expostos cá fora, atraiu-me para lá. Entrei e comecei a folhear os livros, e – consequência infalível – pus-me a tactear o dinheiro que levava no bolso. Tentei-me por um dos volumes e dirigi-me para o interior da loja, a fim de pagar.

Enquanto me demorara no balcão, senti vagamente que alguém se aproximara de mim, olhando também para os livros. Ao sair com a minha compra debaixo do braço, o desconhecido mirou-me de forma intencional, com um meio-sorriso que parecia significar interesse. Julguei que ia dirigir-me a palavra. Segui devagar. O homem tomou a mesma direcção. Defronte da igreja, fez um avanço brusco, e disse-me:

– Queira desculpar, cavalheiro; não pense mal de mim. Desejava apenas perguntar-lhe se reparou na assinatura que está na folha de guarda desse livrinho que acaba de adquirir.

O ar respeitoso, o nervosismo da voz fizeram-me supor, a princípio, que o sujeito ia pedir alguma esmola. Todavia não apresentava o aspecto dum mendigo. Pareceu-me indivíduo dos seus

sessenta anos, alto, de cabelo ralo, barba grisalha, olhar um tanto lacrimoso e cara chupada, sem cor. Vestia modestamente, como um janota empobrecido; mas o tom geral indicava sem esforço a classe social a que havia pertencido. A expressão com que se me dirigiu era tão inteligente, tão agradável e duma timidez tão simpática, que não pude deixar de lhe responder com afecto. Não tinha, é verdade, lido o nome a que ele se referia, mas abri logo o livro e, à luz dum dos candeeiros, vi que estava escrita, com bela caligrafia, a assinatura dum W. R. Christopherson, seguida duma data: 1849.

– É o meu nome – elucidou ele, falando em voz suave e hesitante.

– Palavra? Então isto pertencia-lhe?

– Pertencia-me.

Riu de maneira estranha, com um risinho cacarejado, e ao mesmo tempo passou a mão na cabeça, como que a preparar uma justificação.

– Nunca ouviu falar na venda da biblioteca de Christopherson? Era muito novo, com certeza. Foi em 1860. Depois disso, tenho encontrado muitos volumes com o meu autógrafo, aí por essas estantes. Muitos! Descobri esse precisamente quando o senhor chegou e, ao ver que o folheava, tive curiosidade de saber se ia ficar com ele. Queira perdoar a liberdade que tomei. Somos apreciadores de livros... não é verdade?

Os olhos dele confirmavam a pergunta. Declarei que o compreendia muito bem e o sujeito soltou uma das suas gargalhadas esquisitas.

– Possui muitos livros? – indagou, observando-me com ansiedade.

– Não, senhor. Apenas umas centenas... O bastante para quem não vive em casa sua.

Sorriu afável, inclinou a cabeça e murmurou-me ao ouvido:

– O meu catálogo registava 24.718.

A curiosidade que eu sentia foi aumentando.

Sem me atrever a perguntas mais directas, quis saber se, no tempo de que ele falava, já residia na capital.

– Se tem cinco minutos disponíveis –olveu com certo acanhamento –, irei mostrar-lhe a minha

casa. Isto é – emendou, com o risinho costumado – a casa que foi minha.

Acompanhei-o de boa vontade. Conduziu-me a pouca distância, à estrada que ladeia Regent's Park, e depois parou defronte dum prédio onde havia um terraço imponente.

– Cá está – segredou-me ele. – Vivi aqui. A janela à direita da porta era a da biblioteca. Ah! E suspirou profundamente.

– A desgraça não o poupou – comentei eu, também com voz velada.

– Resultado das minhas loucuras. Possuía bastante para as necessidades, mas julguei precisar ainda mais. Meti-me em negócios... eu, que não percebia nada do assunto! Um dia veio a derrocada.

Voltámos pelo mesmo caminho, andando devagar, de cabeça baixa, até à igreja e sem proferir uma palavra.

– Gostaria de saber se comprou mais algum livro meu – disse Christopherson, sorrindo, quando nos detivemos para a despedida.

Informei-o de que não tinha ideia de haver lido antes aquele nome; depois, num impulso natural, perguntei-lhe se queria ficar com o volume que eu levava comigo. Em caso afirmativo, teria muito gosto em lho oferecer. Mal tinha dito isto, vi a satisfação que a minha lembrança produzira no bibliófilo. Christopherson hesitou, mostrou relutância, mas não levou muito tempo a aceitar e agradecer a oferta. Corou de alegria quando recebeu o livro das minhas mãos.

– Ainda guardo alguns – explicou ele, baixando a voz, como se tratasse de qualquer coisa que o envergonhasse. – Mas raras vezes posso adquirir novos. Não sei como lhe agradecer!

Apertámos a mão e separámo-nos.

Morava eu então em Camden Town. Uma tarde, talvez quinze dias depois deste caso, tendo passeado durante umas duas horas, parei defronte dum mostruário de livros na estrada real. Alguém se aproximou de mim; olhei e reconheci Christopherson. Cumprimentámo-nos como velhos amigos.

– Tenho-o visto várias vezes ultimamente – começou o bibliófilo, que parecia, à luz do Sol, mais pobre na sua vestimenta. – Mas não quis incomodá-lo. Moro aqui perto.

– Também eu. – E acrescentei, sem pensar no que dizia: – Vive só?

– Não, senhor. Com a minha mulher.

Dissera isto com certo embaraço na voz, baixando os olhos e movendo a cabeça em ar de perturbação.

Continuámos a conversar enquanto folheávamos os livros. Christopherson não era apenas uma pessoa bem educada; tinha inteligência e cultura. Ao notar a sua erudição (de que ele dava provas sem desmentir a excessiva modéstia que o caracterizava) quis eu saber se se dedicava à literatura. Não, nunca havia escrito nada. Nunca! Era apenas um rato de biblioteca, confessou. Soltou depois um risinho imperceptível, e despediu-se.

Não passou muito tempo que não nos tornássemos a encontrar. Esbarrámos um com o outro à esquina duma rua da minha vizinhança. Parecia mais velho. Cobria-lhe o rosto uma sombra de melancolia. A mão que me estendeu achei-a frouxa, e o prazer do encontro manifestou-se-lhe apenas numa expressão contrafeita.

– Vou-me embora – participou-me, como que a responder à minha muda interrogação. – Deixaremos Londres.

– Para sempre?

– Receio que sim; contudo – acrescentou com evidente esforço – alegro-me com o facto. A saúde de minha mulher não tem sido boa nestes últimos tempos. Precisa de ar do campo. Pois é verdade: alegro-me com esta partida; sinto-me contentíssimo!

Falava com ênfase, mas automaticamente, circunvagando ao mesmo tempo o olhar. As mãos contorciam-se nervosas. Estava na disposição de lhe perguntar qual o campo que havia escolhido, quando Christopherson ajuntou, de súbito:

– Moro mesmo ali. Dá-me licença que lhe mostre os meus livros?

Aceitei, é claro, o convite, e fi-lo com prazer.

Em poucos minutos chegámos a uma casa que tinha escritos nas janelas do rés-do-chão. Quando parámos, em frente da porta, o meu companheiro pareceu hesitar, arrependido talvez do convite que me tinha dirigido.

– Pensando bem, não valia a pena incomodá-lo... – disse timidamente. – A verdade é que me falta o espaço para dispor os livros numa forma mais própria.

Respondi discordando da sua objecção, e entrámos. Com muita cortesia, mas sempre receoso, levou-me por uma escada estreita até ao patamar do segundo piso. Abriu uma porta. Detive-me, assombrado, no limiar. A sala era pequena e, em qualquer caso, mal chegaria para os diversos serviços a que estava sem dúvida destinada; no entanto, uma terça parte dela fora ocupada com grande número de livros arrumados uns sobre os outros de encontro às paredes, até atingirem o tecto. A única mobília compunha-se duma mesa redonda e de duas ou três cadeiras; nem haveria lugar para mais. A janela fechada e o calor do dia tornavam o ambiente abafadíssimo. Jamais me sentira tão incomodado com o cheiro do papel impresso e das encadernações.

– Mas – exclamei – o senhor disse que possuía muito poucos livros. Pois deve possuir quantidade cinco vezes maior do que a minha.

– Ao certo não sei quantos são – redarguiu Christopherson, pouco à vontade. – Como vê, não os tenho convenientemente dispostos. Ainda há mais uns, no outro quarto.

Levou-me pelo corredor, abriu-me uma porta e mostrou-me um quatinho de cama. Aqui a obstrução dava menos na vista, mas uma das paredes desaparecia por completo atrás dos volumes. Afligia só em pensar que dormiam duas pessoas, todas as noites, naquele ar impregnado do pó dos alfarrábios.

Voltámos para a saleta, e o dono da casa começou a tirar um ou outro livro, para que eu os admirasse. Falando de maneira brusca, nervosa, dando ora uma gargalhada ora um suspiro, esclareceu-me um pouco sobre a sua vida. Soube que havia já oito anos que alugara aqueles quartos; que tinha casado duas vezes; a única filha que lhe viera ao mundo (nascida da sua primeira mulher) morrera ainda na infância; por fim contou-me – e num tom de confiança, sorrindo – que a segunda esposa era a antiga preceptora dessa filha. Eu escutava com imenso interesse, na esperança de ouvir mais pormenores a respeito daquela existência tão fora do comum.

– No campo – observei – vai ter com certeza uma sala para os livros...

O ar risonho desapareceu-lhe do rosto num instante, e dardejou-me olhares desconfiados. Ia eu acrescentar qualquer coisa quando se sentiram passos na escada. Tanto o andar pesado, como a voz que ressoou também, me pareceram de certo modo familiares.

– Ah! – exclamou Christopherson, sobressaltado. – É uma pessoa que vem ajudar-me na expedição dos livros. Entre, Sr. Pomfret, entre!

Abriu-se a porta, e apareceu um homem alto e vigoroso, cujo cabelo fulvo, olhos azuis cintilantes, queixo proeminente e lábios grossos formavam uma pintura sugestiva de genuína virilidade, embora não muito elegante. Não havia dúvida que eu conhecia o possuidor daquela voz. Se bem que nos encontrássemos, por acaso, com longos intervalos, as nossas relações vinham já de longa data.

– Olá! – exclamou ele – não sabia que frequentava a casa do Sr. Christopherson.

– Também estou admirado por vê-lo aqui – repliquei eu.

O bibliófilo olhou para nós com surpresa misturada de nervosismo e apertou a mão ao recém-vindo que o saudou com ar brincalhão, sem todavia se mostrar desrespeitoso. Pomfret falava com forte acento do Yorkshire e patenteava todas as características dos indivíduos da região. Vinha participar que estava tudo pronto para começar o acondicionamento e transporte do que constituía a biblioteca actual do Sr. Christopherson. Faltava só marcar o dia.

– Não há pressa – atalhou o dono da casa. Efectivamente, não há pressa. Mas fico-lhe muito obrigado pelo incómodo que teve, Sr. Pomfret. Daqui a dois ou três dias combinaremos a data certa.

O outro fez com a cabeça um sinal de assentimento e preparou-se para sair. Os nossos olhares encontraram-se e nós deixámos, juntos, a residência de Christopherson. Uma vez na rua, respirei fundo, refazendo-me da atmosfera abafada daquele quarto. O meu companheiro teve a mesma sensação de alívio, pois ergueu a vista para o céu e encheu de ar os pulmões.

– Belo dia, hem! Ótimo para um passeio. À falta de melhor digressão, fizemos ao lado um do outro a travessia de Regent's Park. Os negócios de Pomfret arrastavam-no na mesma direcção que eu havia tomado, e a coincidência serviu-me para lhe falar acerca de Christopherson. Soube então

que o velho amor de livros era inquilino duma tia de Pomfret. A história desse homem, nas suas fases de abundância e de ruína, era, de facto, como ele a contara. Ruína tão completa que, aos quarenta anos, Christopherson se vira obrigado a ganhar a vida como caixeiro ou coisa parecida. Cinco anos depois realizara-se o seu segundo casamento. .

– Conhece a Senhora Christopherson? – perguntou-me Pomfret.

– Não. Gostava de conhecê-la. Que aspecto tem?

– É a espécie de mulher que lhe há-de interessar. Autêntica senhora, como eu acho que elas devem ser. O marido também é pessoa distinta, não o nego. Conheço-os bem! Não admira: vivi muitos anos naquela casa. Uma senhora até à raiz dos cabelos. Não percebo é como o marido consente que ela leve uma vida daquelas. Se fosse comigo, fazia-me nem que fosse ladrão, mas dava-lhe o conforto merecido.

– Essa senhora trabalha então para viver?

– Sim, meu amigo, e para ele também! Não, não é professora. Está empregada numa loja de Tottenham Court Road. É o que se chama um bom lugar, pois ganha trinta xelins por semana. Eis tudo quanto possuem... mas Christopherson ainda compra livros com isso!

– Ele nunca tentou fazer nada, desde que casou?

– Trabalhou a princípio, creio eu, mas é tão preguiçoso! Agora vive na ociosidade. Vai a todos os leilões de livros, e passa o resto do tempo a meter o nariz em todos os alfarrabistas. A mulher? Oh, essa não se lamenta! Espere, que a há-de conhecer.

– Mas o que é que sucedeu? Eles vão deixar Londres.

– Eu lhe conto. Era aí que eu queria chegar. A Senhora Christopherson tem parentes ricos, – suficientemente egoístas para lhe não terem dado nada até hoje. Um deles é a Senhora Keeting, viúva, ao que me dizem, dum magnate da City. Pois bem: essa senhora tem uma casa em Norfolk, onde nunca vive; apenas um sobrinho dela passa por ali uma vez ou outra, quando vai caçar ou pescar. Pois contou a Senhora Christopherson à minha tia que a tal viúva lhe oferecera a casa para ela e o marido a habitarem, sem despesas, até com a alimentação incluída!

– Christopherson é capaz de preferir ficar em Londres... – observei eu.

– Já se sabe! Não pode viver longe dos alfarrabistas. Em todo o caso regozijou-se por causa da mulher. E já não era sem tempo, afianço-lhe. A desgraçada não há-de durar muito. Diz a minha tia que ela vai de mal a pior. A verdade é que, às vezes, a acho com péssimo parecer. Decerto que não é ela quem impõe a mudança. Não é pessoa que se queixe. Mas sempre se refere, sem insistir, ao campo onde antigamente viveu. Ouvi-a eu, e fiquei com a impressão de que não pensa noutra coisa há muito tempo. Na semana passada estive em casa deles, precisamente quando receberam a oferta da tia. Se visse a transformação que se operou na cara dessa criatura! Parecia uma rapariga de dezassete anos. Até ria! Se ouvisse como ela ria ...

– É muito mais nova do que o marido? – interrompi.

– Pelo menos vinte anos. Deve orçar pelos quarenta.

Fiquei uns instantes a meditar.

– No fim de contas, não foi um casamento infeliz?

– Infeliz? – exclamou Pomfret. – Não. Nunca ouvi que trocassem a mínima palavra desagradável. Afianço-lhe. Uma vez que Christopherson possa satisfazer o seu vício, nada mais aquele casal ambiciona. Comprar livros... e pronto!

– Quer dizer – observei eu – que os volumes que ele comprou o fez com os trinta xelins semanais da mulher?

– Não, não. Já tinha alguns, que guardara da antiga colecção. Depois, quando estive empregado, adquiriu certo número deles. Disse-me uma vez que, para ter com que comprasse livros, se sacrificava a viver com seis dinheiros diários. Um velho mocho, e dos mais excêntricos! Mas, com tudo isto, excelente pessoa; ninguém pode deixar de o estimar. Vou sentir a falta, quando ele se for embora.

Por minha parte, nada considerei melhor do que a partida de Christopherson. A história que eu acabava de ouvir desconsolara-me bastante. Que ao menos a infeliz senhora pudesse escapar a essa vida de trabalho, e passasse o Verão no campo, no meio da paisagem que tanto amava. Cheguei a

invejar a sorte de Christopherson, diga-se a verdade: via-o já sem outras preocupações neste mundo, folheando muito descansado o seu tesouro bibliográfico. Custava-me a crer que sofresse seriamente por se ver obrigado a afastar-se das livrarias que frequentava. Fiz logo tenção de visitá-lo dentro de dois ou três dias. Escolhendo um domingo, poderia com mais facilidade ter a sorte de encontrar a mulher em casa.

Na tarde do domingo seguinte estava eu pronto a sair, a fim de bater à porta de Christopherson, quando Pomfret me veio procurar. Achei-o de mau humor e notei a maneira pouco delicada como atravessou o quarto, aos tropeções na mobília. A visita surpreendia-me, pois nunca tal coisa me passara pela cabeça, embora soubesse que ele tinha a minha direcção. Certo orgulho, característico, suponho, da sua rudeza, sempre lhe fizera recear maior intimidade entre nós.

– Já ouviu uma coisa destas? – exclamou, num tom colérico. – Pois acabou-se tudo! Já não vão! E só por causa daqueles malditos cartapácios!

Vociferando e lançando perdigotos, o homem narrou o que soubera pelas informações da tia. «Na tarde anterior, os Christophersons receberam a visita inesperada da sua parenta e benfeitora, a tal Senhora Keeting. Jamais aquela senhora estivera em casa deles. A sua aparição relacionava-se (a avaliar por simples conjecturas) com o facto da próxima viagem do casal. A senhoria conseguira escutar o final da conversa, aliás muito breve, pois a Senhora Keeting já vinha a descer as escadas. Falava, porém, em voz alta e dizia:

«– Impossível! Completamente impossível! Não posso consentir! Como cedeu à ilusão de que eu permitiria que me enchesse a casa com esses alfarrábios bolorentos? Uma coisa tão perigosa para a saúde! Nunca na minha vida vi nada mais disparatado!

«E assim entrou na carruagem, que se pôs logo em movimento. Quando a minha tia foi depois aos andares superiores estranhou o silêncio mortal que havia no quarto de Christopherson. Bateu à porta – preparando já uma desculpa – e achou os esposos ao lado um do outro, sorrindo com melancolia. Contaram-lhe eles sem demora o que se havia passado. A Senhora Keeting viera por causa duma carta em que a Senhora Christopherson se referira à circunstância de o marido possuir

certa quantidade de livros e esperar que lhe consentissem na sua remoção para a casa de Norfolk. A ricaça veio certificar-se pessoalmente, e o resultado foi aquilo que já sabemos. Pôs-lhe a alternativa de escolherem entre o sacrifício dos volumes ou a perda da oferta que lhes fizera.»

– Christopherson recusou – aventei eu.

– Julgo que a mulher considerou o sacrifício excessivamente pesado para ele. Seja como for, o caso é que resolveram conservar os livros e desistir da oferta. E aqui está o fim da história. Há muito tempo que eu não me encolerizava tanto!

Entretanto fui reflectindo. Não me era difícil compreender o estado de espírito de Christopherson e, embora não conhecesse a Senhora Keeting, achava que era uma dessas pessoas cujos benefícios se tornam um tanto pesados. No fim de contas, seria a Senhora Christopherson realmente infeliz? Não seria ela uma daquelas mulheres que vivem para se sacrificarem, que preferem ter existência desagradável a fim de manterem o conforto do marido? Este meu modo de ver irritou Pomfret, que rompeu em improperios ora contra a Senhora Keeting: ora contra o nosso bibliófilo. Era uma «pouca-vergonha» – eis como resumia a sua opinião. Pensando bem, não deixava, de certa maneira, de ser como ele dizia.

Passaram-se dois ou três dias. A curiosidade arrastou-me até à residência dos Christophersons. Quando passei no lado oposto da rua, olhei para as janelas e descobri o velhote numa delas. Sem dúvida que estava ali por indolência, talvez mesmo cheio de apreensões. Viu-me também e, antes que eu batesse à porta, já Christopherson descera as escadas ao meu encontro.

– Permite-me que o acompanhe numa voltinha – pediu-me logo. Nas suas feições notava-se certa inquietação. Durante uns momentos caminhámos em silêncio.

– Então já desistiu do seu propósito de sair de Londres? – perguntei, afectando indiferença. – Pomfret falou-lhe nisso? Sim, é verdade... calculo que ficaremos aqui... por agora.

Nunca eu vira uma pessoa tão constrangida; tinha os ombros descaídos e a cabeça inclinada para o chão. Arrastava mais os pés do que propriamente andava. Sentia-se, sem dúvida, culpado de qualquer coisa.

Por fim desabafou:

– Para lhe dizer a verdade, houve uma complicação por causa dos livros. – Relanceou-me os olhos, e percebi como ele tremia dos pés à cabeça. – Compreende, pois, que a minha situação não é um mar de rosas...

Teve um risinho estrangulado, e prosseguiu:

– É certo que nos foi oferecida, em certas condições, uma casa no campo, por uma parenta da minha mulher. Por infelicidade, essa senhora encara a minha biblioteca como um inconveniente... um obstáculo inultrapassável! De forma que decidimos, de comum acordo, permanecer onde estamos.

Não pude resistir a lhe perguntar, em tom enfático, se o campo não seria bom para a saúde da mulher. Mas, tão depressa o fiz, logo me arrependi. As minhas palavras evidentemente que o colocavam em falsa posição.

– Creio que ela gostaria – respondeu o meu companheiro, ao mesmo tempo que me olhava com expressão impressionante, como que a solicitar-me indulgência.

– Mas – sugeri – não se poderia guardar os livros em qualquer parte? Alugar um quarto noutra casa, por exemplo?

A cara do bibliófilo era resposta suficiente. Recordei-me da sua falta de dinheiro.

– Não pensemos mais nisso – respondeu. – O caso está arrumado.

A conversa ficou por ali. Na esquina seguinte, Christopherson e eu despedimo-nos.

Suponho que não havia decorrido uma semana quando recebi, um bilhete-postal de Pomfret. Dizia assim: «Aconteceu o que eu previa. A Senhora C. está bastante doente.» Mais nada.

A Senhora C. não podia deixar de ser a mulher de Christopherson. Cogitei em semelhante recado, que se me apoderou do espírito e me abalou o coração. Naquela tarde atravessei mais uma vez a rua onde eles moravam.

Não vi ninguém à janela. Depois de hesitar um instante, resolvi bater à porta da tia de Pomfret. Ela mesma veio abrir.

Nunca nos tínhamos visto, mas, quando pronunciei o meu nome e lhe disse que estava ansioso por saber notícias da Senhora Christopherson, a dona da casa convidou-me a entrar na sala e começou a falar em tom confidencial.

Era do Yorkshire, muito afável, e bastante diferente das outras senhorias.

– A Senhora Christopherson – confirmou ela – esteve doente há dois dias. Principiou por um desmaio, que lhe durou muito tempo; teve febre e não dormiu nessa noite. Chamou-se logo o médico, que a mandou mudar desse quarto mal ventilado e cheio de livros, para outro, que felizmente eu tinha disponível. Ali está ela, completamente fraca e cansada, quase sem poder falar e limitando-se a sorrir ao marido, que não se tira da cabeceira da cama, nem de dia nem de noite. Ele também – acrescentou a minha interlocutora – não tarda muito que se vá abaixo. Parece um desenterrado. Parece um maluquinho!

– Qual será – perguntei – a causa da doença? A senhoria olhou-me de revés, abanou a cabeça e declarou que a razão não seria difícil de descobrir.

– Acha que a desilusão sofrida tivesse influência no caso?

– Decerto que sim. A pobre senhora estava há muito tempo exausta e aquilo foi um golpe que a ajudou a deitar a terra.

– O seu sobrinho e eu falámos sobre o assunto. Pomfret crê que o Senhor Christopherson não compreende o sacrifício a que tem obrigado a mulher.

– Também pensei assim. Mas ele agora começa a compreender melhor, posso afiançar-lhe. Não fala noutra coisa senão...

Ouviu-se uma pancadinha na porta, e uma voz muito excitada pediu à senhoria que fosse lá acima. – O que sucedeu? – perguntou esta.

– Receio que ela esteja pior – disse Christopherson, ao mesmo tempo que me encarava com grande admiração. – Venha comigo, peço-lhe.

A mim não dirigiu uma palavra, e desapareceu logo com a tia de Pomfret. Deixei-me ficar, e durante dez minutos passei na salinha, impaciente, escutando os menores ruídos da casa. Depois

senti passos na escada, e a senhoria reapareceu.

– Não era nada – explicou. – Até julguei que estivesse a dormir, tão sossegada a achei. O marido maça-a tanto, sentado lá no quarto e a perguntar, de minuto a minuto, como é que ela se sente! Persuadi-o a deixá-la só; acho que não seria má ideia se o senhor fosse entretê-lo um bocadinho.

Subi imediatamente ao segundo andar e encontrei, na salinha, Christopherson enterrado numa cadeira; tinha a cabeça inclinada para o chão e parecia a própria imagem do desespero. Ao aproximar-me, levantou-se, cambaleando. Apertou a mão que lhe estendi mas duma maneira tímida, envergonhada, sem me fitar. Pronunciei algumas palavras de incitamento, cujo efeito foi contrário ao que eu esperava.

– Não me fale assim – volveu ele, quase ressentido. – Ela está a morrer ... está a morrer ... Digam o que quiserem, eu sei-o muito bem!

– O médico é bom?

– Creio que sim... Mas já é tarde... demasiado tarde!

Deixou-se cair na cadeira e eu sentei-me ao lado dele. Houve um silêncio de minutos, que foi interrompido por umas pancadas que deram na porta da rua. Christopherson pôs-se de pé e saiu à pressa do quarto; receando pela sua saúde mental, segui-o até ao patamar.

Daí a pouco voltou, frouxo e desanimado como antes.

– Era o correio – murmurou. – Estou à espera duma carta.

A conversa parecia difícil de se estabelecer.

Formulei uma frase como preparação para a minha retirada. Mas Christopherson não consentiu que o deixasse.

– Quero dizer-lhe – recomeçou, olhando-me como um cão a quem o dono houvesse castigado – quero dizer-lhe que fiz tudo quanto podia. Logo que a minha mulher adoeceu, e que eu percebi (só então se me abriram os olhos) que era o resultado da decepção sofrida, fui sem demora procurar a Senhora Keeting para lhe comunicar que estava disposto a vender os livros. Mas esta senhora havia-se ausentado da capital. Escrevi-lhe, contando-lhe como lastimava o meu capricho e pedindo-lhe

que me desculpassem e mantivesse a oferta. Já decorreu tempo bastante para a resposta, mas o caso é que não responde...

Na mão segurava um catálogo de alfarrabista, de que o carteiro lhe havia feito entrega momentos antes. Maquinalmente, rasgou o invólucro e dardejou o olhar pela primeira página. Depois, como se tomasse consciência do que fizera, atirou o folheto para longe, com violência.

– Perdeu-se a oportunidade – bradou, pondo-se a dar passadas largas no escasso resto do aposento deixado livre pela montanha de cartapácios. – O caso é que ela me disse que preferia ficarem Londres... E que só queria fazer o que me fosse agradável. Mais valia não ter dito nada disto! E eu fui cruel... bastante vil... deixando-a fazer tamanho sacrifício!

Agitou os braços, frenético, e prosseguiu:

– Então não vi naquele rosto a esperança, que a animava, de ir viver para o campo? Depois, adivinhei-lhe o sofrimento. Senti-o, garanto-lhe! E, como um egoísta e um cobarde, deixei-a sofrer... empurrei-a para a morte... para a morte!

– Dum momento para outro – atalhei eu –, virá a resposta da Senhora Keeting. E será, com certeza, favorável. Com essas boas notícias ...

– Demasiado tarde! Matei-a! E aquela mulher jamais responderá. É uma ricaça vulgar, cujo orgulho ofendi. De forma que nunca me perdoará.

Sentou-se, por instantes, mas tornou-se logo a erguer, agitado pela sua preocupação constante.

– Está a morrer! E foi isto... foi isto que a pôs nesse estado. – Gesticulava furioso contra os livros. – Vendi a vida dela, vendi-a por estes volumes. Oh! Oh!...

Com este grito, agarrou meia dúzia de livros e, antes que eu percebesse qual era a sua intenção, Christopherson arremessou-os pela janela aberta, para a rua, um após outro. Ouvia-se o baque produzido na calçada. Então, agarrei-lhe no braço, impedindo-o de continuar e procurando fazê-lo recair em si.

– Deixe-os ir! – exclamou. – Só vê-los me horroriza. Mataram a minha querida mulher!

Disse isto a soluçar, e, às últimas palavras, já as lágrimas lhe afloravam aos olhos. Não tive

dificuldade em o dominar. Fitou-me com infinita tristeza, falando enquanto chorava:

– Se soubesse o que ela tem sido para mim! Quando casou comigo eu estava arruinado. Fazemos uma diferença de vinte anos entre as nossas idades. Não lhe dei senão canseiras e aborrecimentos. Digo-lhe mais: há muito tempo que vivemos do produto do seu trabalho. Pior do que isso, obriguei-a a economias, reduzi-a à miséria, para poder comprar os meus livros. Que infâmia! Que indignidade! Era o meu vício, o vício que me subjugava tanto como se eu fosse bêbado ou jogador. Não podia resistir à tentação, embora todos os dias me arrependesse e jurasse não continuar. Ela nunca me censurou; nunca me dirigiu uma palavra... ou um olhar de reprovação. Eu vivia preguiçosamente. Nunca tentei libertá-la do emprego. Sabia que ela trabalhava numa loja? Ela, com a sua educação, a sua elegância, amarrada a uma vida destas! Imagine que passei milhares de vezes com um livro na mão, defronte do tal estabelecimento! Apressava o passo, pensando que minha mulher estava lá dentro... Oh! Oh!

Alguém bateu à porta. Fui abrir e dei de cara com a senhoria muito espantada. Trazia um braçado de livros.

– Está bem – cochichei eu. – Ponha-os no chão: aí fora. Não os traga para dentro do quarto. Foi um rasgo irreflectido.

Christopherson veio ver o que era. Interrogava com os olhos, sem se atrever a abrir a boca. Respondi-lhe que não fora nada, e consegui acalmá-lo, a pouco e pouco. Felizmente, o médico chegou antes de eu sair, e então pude saber que a doente melhorara alguma coisa. Tinha dormido um bocado e parecia-lhe a ele provável que tornasse a adormecer. Christopherson pediu-me que voltasse muitas vezes – não havia mais ninguém que o visitasse, explicou-me – e eu prometi fazê-lo no dia seguinte.

De facto, voltei lá, de tarde. Christopherson devia ter estado a espiar-me a chegada. Antes que eu batesse, a porta abriu-se. Achei-lhe um rosto tão radiante que fiquei bastante admirado. O bibliófilo apertou-me as duas mãos, retendo-as entre as suas.

– A carta veio. Vamos ter a casa!

– E como está sua mulher?

– Melhor, muito melhor, graças a Deus! Dormiu quase sempre, desde que o senhor nos deixou ontem, até hoje de manhã. A carta chegou na primeira distribuição. Não lhe revelei a verdade completa acrescentou, recobrando alento –, mas disse-lhe que a Senhora Keeting consentia em receber-nos com os livros, Se visse como se alegrou! O caso é que eles serão vendidos e levados daqui antes que ela saiba o que se passa. E, quando vir que eu pouco me importo com essa livralhada...

Havíamos entrado na saleta do rés-do-chão. Passeando muito excitado, Christopherson vangloriava-se do sacrifício que levara a cabo. Já escrevera uma carta ao livreiro que devia comprar a totalidade dos volumes, Mas porque não guardava alguns, embora em número muito reduzido? perguntei. Com certeza, ninguém faria objecção a uma ou duas prateleiras. Como poderia Christopherson privar-se deles em absoluto? A princípio respondeu-me que, enquanto vivesse, não queria mais ter junto de si semelhante coisa. Mas a Senhora Christopherson? insisti. Não gostaria ela de ler, uma vez por outra?

A esta interrogação o bibliófilo ficou pensativo.

Discutimos o assunto e combinou-se arranjar um pacote de livros escolhidos a fim de seguir para Norfolk com o resto da bagagem. Convenci-o de que a Senhora Keeting não se oporia a tal, e ele ficou tranquilo a esse respeito.

Assim se fez. Discretamente, essa dúzia de volumes foi acomodada nas malas e, conduzidas estas para baixo, arrumaram-se na carroça – tudo num plano tão perfeito que a enferma não chegou a dar por nada. Ao contar-me o resultado, Christopherson soltou uma gargalhada como eu nunca lhe tinha ouvido. Pareceu-me, no entanto, que evitava olhar para o sítio da saleta que antes fora ocupado pelos livros; no decurso da conversa notei também que se tornava distraído, pendendo a cabeça para o chão. Que se regozijava com a alegria da mulher, era fora de dúvida. Mas a crise por que havia passado envelhecera-o muito mais. Ao declarar-me quanto se sentia satisfeito, as faces agitaram-se-lhe num tremor senil.

Antes de deixarem Londres, conheci a Senhora Christopherson – mulher pálida, magra, débil, que nunca devia ter mostrado aparências de saudável, cujo rosto denunciava um espírito heróico e leal. Não estava triste nem alegre; mas nos seus olhos pude ver, por mais duma vez, quanto ela transbordava de gratidão para com aquele que lhe satisfizera o maior desejo da sua alma.

Digitalizado de “Os Melhores Contos Ingleses”, Portugália Editora

Obtenha mais e-books na secção Biblioteca do Esquerda.net